



## Feminismos Decoloniais na América Latina

Maria Clara Martins Cavalcanti<sup>1</sup>



Salão de Mulheres ou 1º Salão de Artes Latino Americana e Caribeño – Marcela Cantuária  
Óleo acrílica e spray s/ tela  
200 x 300cm  
2022

A tela apresentada acima, de autoria da artista Marcela Cantuária, integrou a mostra coletiva *ContraMemória 22*, ocorrida em abril de 2022 no Teatro Municipal de São Paulo. Cantuária é uma artista brasileira que tem, com sua expressão na pintura, tensionado a escrita da história da América Latina e do Brasil, especialmente dedicada a abordar questões relacionadas à política, às relações sociais, econômicas, de trabalho, a luta de classes e afins, a partir de um ponto de vista feminista. Tem tecido, portanto, um olhar crítico para a história escrita sobre as mulheres nesse território e tem chamado atenção, não só no cenário artístico, como uma expressão crítica decolonial. Exemplo disto é o fato das obras de Cantuária terem sido escolhidas para integrarem o conjunto de produções artísticas da coletânea *Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais* (2020), organizada por Heloisa Buarque de Hollanda. A obra acima é uma homenagem a trinta e oito (38) mulheres artistas latino-americanas, frequentemente esquecidas pela história da pintura. Segundo a própria Cantuária:

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História na UERJ. Bolsista Faperj Nota 10. Coordenadora do GT de Gênero da ANPUH/RJ.



O 1º Salão Latino-americano y Caribeño de Artes / Salão das Mulheres (depois de Willem van Haetch) (2022) é um posicionamento crítico às representações geradas pelas referências espaciais e de orientação entre o eixo Norte-Sul e as tensões oriundas dessa relação. Tal representação transcende as leituras de mundo, e os pontos de vista, perpetuados através da história da arte, da geopolítica, e da literatura. Dando protagonismo às produções que marcam as percepções do entorno, por meio da produção e da ação de mulheres latinoamericanas. Dando visibilidade à óptica do sul, contrariando assim, a lógica eurocêntrica onde outrora o norte patriarcal era apresentado como referência universal. Marcela Cantuária apresenta assim, um novo vocábulo que problematiza e contrapõe a historiografia das exposições enfocada no protagonismo de mulheres artistas.<sup>2</sup>

É importante pontuar que a expressão de Cantuária não apenas busca incluir estas mulheres no cânone artístico, mas questiona as formas, texturas e estéticas que foram deixadas de lado, massivamente apagadas, pelo sexismo neste cenário. Os feminismos decoloniais elaborados por artistas e intelectuais na América Latina, assim como na obra de Cantuária, têm vindo apontar a necessidade de levarmos em conta as contribuições artísticas, intelectuais e epistemológicas, assim como os levantes emancipatórios e a histórica luta das mulheres na luta contra a colonialidade. *Colonialidade* aqui, entendida a partir de Aníbal Quijano e da teoria decolonial, como um sistema de poder que perdura mesmo após o fim das experiências de colonização na América Latina, constituindo um dispositivo estruturante das relações sociais, de saber, ser e poder, baseada em uma categorização hierárquica entre os seres no mundo, a partir de perspectivas eurocêntricas e racistas.<sup>3</sup>

Estes feminismos de política decolonial estão inseridos no amplo movimento de revisão de uma narrativa eurocêntrica do mundo, debruçando-se sobre a forma como o complexo racismo/sexismo/colonialismo emprega as relações de dominação, integrando um espectro de co-constituição de opressões.<sup>4</sup> Nesse sentido, estes feminismos – expressos nas críticas de intelectuais como Maria Lugones, Yuderkys Espinosa-Miñoso, Ochy Curiel tanto quanto em Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Marcela Cantuária etc., – formulam questionamentos fundamentais às narrativas históricas, especialmente àquelas elaboradas sobre os países e povos colonizados.

Como proposta epistemológica, os feminismos decoloniais na latino-américa apontam para a urgência de se considerar de forma inseparável as questões de classe, raça, gênero, sexualidade, nacionalidade, região etc. Dessa forma, estas categorias aparecem como estruturantes de um sistema-mundo marcado pela experiência da modernidade/colonialidade, atravessando

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.marcelacantuaria.com.br/salao-de-mulheres>

<sup>3</sup> QUIJANO, 2005.

<sup>4</sup> LUGONES, 2014. ESPINOSA-MIÑOSO, 2017.



profundamente os processos históricos que deram origem às culturas, às formas de organização do mundo e dos seres. Sob esta perspectiva, a colonização no território latino-americano e o advento da modernidade são tidos como marcos da concepção do homem branco europeu como sujeito universal, superior, civilizado, em oposição aos outros, seres racializados, desumanizados, inferiorizados e, por isso, passíveis de serem oprimidos e explorados.<sup>5</sup>

Maria Lugones (2008), teórica argentina considerada uma das fundadoras da perspectiva feminista decolonial, desenvolveu o conceito de *sistema moderno colonial de gênero*. A partir dele, a autora avança no conceito de colonialidade desenvolvido por Aníbal Quijano, ao afirmar que o gênero é, tanto quanto a raça e de forma indissociável a ela, elemento estruturante da colonialidade. Lugones apresenta o *sistema moderno colonial de gênero* como “uma lente através da qual aprofundar a teorização da lógica opressiva da modernidade colonial, seu uso de dicotomias hierárquicas e de lógica categorial”.<sup>6</sup>

No cenário dos movimentos feministas, é importante lembrar que, se durante muito tempo o movimento privilegiado acadêmica e politicamente, foi marcado por perspectivas brancas e ocidentais; as mulheres negras, indígenas, chicanas, etc. latino-americanas apontam para o fato de que as agendas desse feminismo não nos contemplam. Pautas como o direito ao trabalho, popularizadas pelos movimentos feministas contemplados pela história, não encontravam aderência para mulheres subalternizadas, uma vez que estas trabalham desde os tempos de escravidão, como bem nos lembra Sueli Carneiro: “Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar!”<sup>7</sup> Além disso, historicamente, as mulheres que puderam falar publicamente por um feminismo foram também àquelas privilegiadas pelas estruturas do racismo e do capitalismo. Os feminismos das mulheres não brancas na América Latina, integrando aproximações forjadas pelas experiências da colonização e da colonialidade, apresentam-se como propostas epistêmicas de questionamento à racionalidade moderno-cristã eurocêntrica, inclusive compartilhada por certo feminismo de posicionamento burguês.

Estas teóricas decoloniais abarcam questões sobre as hierarquias do poder, o capitalismo e o racismo, presentes nas discussões pós-coloniais, na teoria decolonial e nos movimentos negros e indígenas na América Latina, integrando-as à tradição de luta do movimento de

<sup>5</sup> GUIMARÃES, 2019.

<sup>6</sup> LUGONES, 2014, p.235..

<sup>7</sup> CARNEIRO, 2013, p.1.



mulheres. Complexificaram assim o conjunto de reivindicações do feminismo ao chamar atenção para o caráter interligado das opressões, principalmente atravessadas pela raça, ao mesmo tempo em que promoveram a feminização das propostas e reivindicações dos movimentos por libertação, das lutas antirracistas e das teorias decoloniais e pós-coloniais.

Diversas intelectuais têm, nos últimos anos, elaborado perspectivas feministas decoloniais, a partir da América Latina. É o caso de Yuderkys Espinosa-Miñoso, filósofa dominicana que questiona as pautas políticas de um “feminismo hegemônico”, branco, eurocentrado, que compactua com a expansão dos pressupostos da modernidade ocidental em um projeto imperialista, racista, de domínio e morte. Em sua leitura, a produção de vozes próprias a partir da América Latina e das periferias do capitalismo, do Sul Global, aparece como caminho fundamental para abordagens mais radicais de transformação. Já no pensamento da antropóloga afro-caribenha Ochy Curiel é possível encontrar contribuições como a elaboração do conceito de *heterossexualidade compulsória*, em referência às articulações entre gênero, raça, colonialidade e sexualidade, em que a heterossexualidade se apresenta como parte das imposições do *sistema moderno colonial*. Além disso, é preciso destacar ainda as elaborações políticas dos feminismos comunitários especialmente na Bolívia e no Equador, onde desponta a figura da líder indígena Julieta Paredes; dos ecofeminismos discutidos por Maria Mies; dos históricos feminismos negros brasileiros de Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro; dentre tantas outras teóricas e pensamentos que poderíamos aqui apontar. Estas perspectivas têm sido centrais para questionar teorias do desenvolvimento, se opor a um feminismo de caráter burguês, articular questões ambientais, de raça, sexualidade, nacionalidade etc.; e o fazem reivindicando seu lugar de fala a partir dos contextos latino-americanos.

#### Referências bibliográficas:

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Org.). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

ESPINOSA-MIÑOSO, Yuderkys. De por qué es necesario un feminismo descolonial: diferenciación, dominación coconstitutiva de la modernidad occidental y el fin de la política de identidad. *Solar, Revista de Filosofía Iberoamericana, Dossier Epistemologías feministas latinoamericanas*, 12, n. 1, 2017

\_\_\_\_\_. Una crítica descolonial a la epistemología feminista crítica. *Cotidiano 184*, mar/abr, 2014

GUIMARÃES, Géssica. Ensaio feminista sobre o sujeito universal. Rio de Janeiro: Eduerj, 2022.



GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. In *Revista Isis Internacional*. Santiago, 1988, v. 9, pp. 133-141.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro, 2014.

\_\_\_\_\_. The Coloniality of Gender. *Worlds & Knowledges Otherwise*, 2008, 1- 16.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: EDGARDO, Lander. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-Americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

**Exemplo de como citar:** CAVALCANTI, Maria Clara. **Feminismos Decoloniais na América Latina**. 2023. Disponível em: <https://www.lppe.uerj.br/interativo>. Acesso em: 18 out. 2023.